

---

## **Jornalismo esportivo entre subalternidades: aproximações da área aos estudos decoloniais<sup>1</sup>**

Raphaela Xavier de Oliveira FERRO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

Apesar de considerado menos importante no contexto informativo em que está inserido, o jornalismo esportivo não prescinde das características do jornalismo. Neste artigo, que tem caráter ensaístico, busca-se identificar como a cobertura esportiva, entre aproximações com a conceituação das subalternidades (SPIVAK, 2010; KILOMBA, 2019), reforça preconceitos e se estabelece como trincheira em prol da manutenção da atual estrutura social, que é, entre outras definições, misógina, racista e homofóbica. A partir da reflexão que relaciona o fazer e o pensar jornalísticos nesse campo especializado aos estudos decoloniais (QUIJANO, 2005; LUGONES, 2020; WALSH, 2021), propõe-se uma reavaliação da relevância do olhar crítico para o jornalismo esportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo esportivo; subalternidades; estudos decoloniais.

No campo do jornalismo, seja na perspectiva científica ou profissional, a cobertura sobre esportes é, muitas vezes, vista como periférica, menos importante (COELHO, 2008) por ter características que flertam de forma intensa com o entretenimento, em uma perspectiva do que tem sido denominado por infotainment (SANTOS; MEZZARROBA; SOUZA, 2017). É possível perceber elementos de um processo semelhante de subalternização também internamente, quando se considera o que é visível e o que é invisibilizado nessa área, principalmente a partir do que concerne às questões das minorias sociais (SODRÉ, 2005), muitas vezes distanciadas do espaço social do esporte, principalmente em sua vertente profissional e de alto rendimento.

A partir da reflexão que relaciona o fazer e o pensar jornalísticos nesse campo especializado às discussões relativas aos estudos decoloniais (QUIJANO, 2005; LUGONES, 2020; WALSH, 2021), propõe-se uma reavaliação da relevância do olhar crítico para o jornalismo esportivo. Por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Bolsista Capes). Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás, e-mail: raphaelaferro@gmail.com.

---

referência a aproximação a discussões sobre subalternidade elaboradas por Spivak (2010) e Kilomba (2019), nesta proposta, que tem caráter ensaístico, busca-se identificar o quanto a cobertura esportiva, muitas vezes, reforça preconceitos e se organiza em prol da manutenção da atual estrutura social, que é, entre outras definições, misógina, racista e homofóbica.

Parte-se da compreensão do caráter de colonialidade dessa estrutura, que estabelece um “modo básico de classificação social universal da população mundial” (QUIJANO, 2005, p. 118). Para Quijano (2005), a ideia de raça é o eixo fundamental do padrão de poder colonial. Lugones (2020, p. 64) acrescenta a relevância de compreender “o alcance da organização do sexo e do gênero sob a força do colonialismo e no interior do capitalismo global eurocêntrico”. A autora enfatiza, também, que todos os aspectos da vida social são permeados pela colonialidade (LUGONES, 2020).

Desse modo, “colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas. Ou seja, toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade (LUGONES, 2020, p. 57)

As relações do que se torna visível e do que é ocultado são estabelecidas a partir de uma organização social que parte da colonialidade do poder. Lugones (2020, p. 79) cita, inclusive, “a extensão alcançada pelo sistema de gênero colonial/moderno na construção da autoridade coletiva” em todos os aspectos, como a própria construção do conhecimento — da qual o jornalismo faz parte (GENRO FILHO, 2012). Compreender esse contexto é necessário para que se pense em novas formas de existência, a partir do que Walsh (2021) nomeia por práxis decolonial em contraposição aos silêncios cúmplices às situações sociais de violência e desumanização.

“A práxis nos permite transcender os preceitos lineares, as suposições binárias e as visões orientadas pelo pensamento ocidental. Isso nos ajuda a pensar a partir dos processos contínuos de mudança e movimento decolonial”<sup>3</sup> (WALSH, 2021, p. 10). Para

---

<sup>3</sup> Tradução livre, da autora, para parte do trecho: “Moreover, as an analytic perspective, sociopolitical standpoint, and pedagogical-methodological stance, praxis enables us to transcend the linear precepts, binary-based suppositions, and outcome-oriented views of western knowledge, research, and thought. It helps us think from and with the ongoing processes of decolonial shift and movement rather than simply with and from decoloniality as paradigm, consequence, and position” (WALSH, 2021, p. 10).

---

a autora, a decolonialidade se refere a uma perspectiva e proposição de pensamento que envolve: análise, percepção, criação, ação, sentimento e existência prática e contínua (WALSH, 2021). Considerando a amplitude dessa perspectiva, é que se orienta esta análise a respeito do jornalismo esportivo brasileiro.

### **Na periferia do jornalismo**

O jornalismo esportivo está entre os que primeiro adotou regras e processos de especialização para a cobertura jornalística (LOVISOLO, 2011). Contudo, ter procedimentos específicos que se relacionam com as especificidades da área em questão não é um indicativo de que ele se afasta da prática do contexto maior em que está inserido. A formação de especialistas, fotógrafos, repórteres, radialistas, cinegrafistas e comentaristas nesse âmbito, como descreve Lovisolo (2011), se relaciona diretamente com o fazer jornalístico. Mantêm-se como referência a apuração e o relato dos fatos: “produção e oferta de notícias, de informação sobre a atualidade” (GOMES, 2009, p. 86). Considera-se, ainda, a afetação pela norma da veracidade e da institucionalidade do jornalismo na mediação entre o indivíduo e o mundo (GOMES, 2009), hoje muito tensionada por outros atores sociais.

Apesar de ser também jornalismo, a cobertura sobre esportes convive com a instabilidade de ser um segmento desprestigiado, como avalia Mello (2020). O jornalismo, em si, localiza a cobertura esportiva em um não-lugar em seu campo, o do entretenimento. Segundo Mello (2020), desde sua origem, o jornalismo esportivo foi visto como trivial, anti-intelectual, menos importante e distante das áreas consideradas relevantes, como as coberturas de política e economia, por exemplo. “É necessário ponderar que tal pré-conceito não é baseado somente em conjecturas infundadas acerca do profissional da área esportiva. Este, ao longo dos anos, protagonizou uma série de deslizamentos de ordem ética” (MELLO, 2020, p. 16). Maluly (2017) também avalia que há um isolamento, ou marginalização, do jornalismo esportivo nos meios de comunicação, que internamente o consideram alienado, muito em decorrência da valorização de eventos e exaltação de celebridades por parte dele.

“Por envolver aspectos que não estão privilegiados em outros setores do jornalismo – sendo o mais relevante deles a emoção – o jornalismo esportivo muitas vezes perde o foco do que é – ou deveria ser – a sua função social”, considera Oselame

---

(2010). Por causa desses aspectos inerentes à área, e também por interesses comerciais dos veículos de comunicação, que negociam direitos de transmissão, entre outros elementos, é comum que a cobertura de esportes seja percebida mais no campo do entretenimento do que no jornalístico.

Entretanto, “quando a lógica da produção é o entretenimento, o compromisso com os princípios e técnicas básicas do jornalismo – apuração, checagem dos fatos, relacionamento com as fontes, busca pela verdade e preocupação com a ética e o interesse público – tende, aos poucos, a desaparecer” (OSELAME, 2010, p. 64). Com o objetivo de entreter ou divertir, o que se tem com roupagem de informação é conteúdo muitas vezes não apurado ou não confirmado: “a notícia não recebe o devido tratamento” (OSELAME, 2010, p. 66).

Há que se considerar que, como afirma Silva (2009), a definição de jornalismo não é estática, assim como todas as construções conceituais. Os princípios e técnicas apontados por Oselame (2010), e a própria definição de notícia, devem ser tensionados, partindo não só do que o jornalismo deveria ser (GROTH, 2011), para a análise, mas também do que ele é, para evitar o vício de uma concepção romântica do campo. Mas entende-se a cobertura esportiva como algo que faz e/ou deveria fazer parte desse universo em que jornalismo é jornalismo, independente de formato ou especialização (BARBEIRO; RANGEL, 2006) – partindo ainda de um contexto em que a compreensão também “das *soft news*, das matérias de cultura e arte, das reportagens do jornalismo literário, sensacionalista, gonzo e popular” e do jornalismo esportivo integram as discussões sobre teoria do jornalismo (SILVA, 2009, p. 207-208).

Contudo, é comum que ocorra o contrário. Vimieiro, Eugênio e Pilar (2021), por exemplo, identificaram que há poucos trabalhos e pesquisadores que são, de fato, da Comunicação entre os autores de pesquisas sobre a mídia esportiva. Assim, o jornalismo esportivo torna-se invisível para as discussões teórico-científicas no campo do jornalismo, como o é na prática profissional, ocupando espaços de forma tangencial em outras áreas – na educação física, por exemplo (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBÔA, 2012). Localizado em contexto subalterno (SPIVAK, 2010), do lado oposto àquele referente ao que concerne ao jornalismo, a cobertura esportiva se estabelece para lá da divisão entre o que existe, e é válido, e o que não existe, isto é, não é relevante nem tem valor. Reduz-se assim a pluralidade de formas do fazer jornalístico a um único

---

modelo, referente às *hard news* e às editoriais que Silva (2009) nomeia por “de status”, como economia e política. Assim, o funcionamento interno do jornalismo esportivo é ignorado, profissional e cientificamente, e questões sociais que o permeiam são menos questionadas nesse lugar, limitando o olhar para o mesmo, considerado fora do âmbito do jornalismo.

### **Entre subalternidades**

O padrão de exclusão se repete também no funcionamento interno da própria cobertura informativa sobre esportes, em duas análises possíveis. Em uma, é possível identificar que há o abismo que separa a cobertura de futebol da abordagem a respeito de outras modalidades. Toledo (2022, p. 312) considera que é pelo futebol “que se evidencia um jornalismo esportivo mais consolidado, tanto do ponto de vista da maturidade técnica e das estratégias de coberturas esportivas quanto do ponto de vista do interesse mercadológico mais abrangente”. O autor relata o desconhecimento de repórteres a respeito de outras modalidades, mesmo as também, às vezes, presentes na mídia, como basquete e vôlei, o que acarreta prejuízos às coberturas de outros esportes — muitos deles totalmente invisibilizados (TOLEDO, 2022).

Esses contrastes apontam uma característica determinante que distingue o futebol desses outros esportes, qual seja, a cotidianização dos níveis de emoção que suscita, dada a numerosa comunidade de interesses que emula e se mobiliza em torno dele. O futebol é o único esporte no Brasil que transcende, nessas proporções, os limites espaciais e temporais do ritual esportivo, as partidas em si, tornando-se um “fato da sociedade”, estabelecendo uma complexa trama entre as dimensões rituais e cotidianas, entre o representado e o vivido, muitas vezes concebidos como instâncias dicotômicas nas análises. (TOLEDO, 2022, p. 316-317)

Ao contribuir para que o futebol se estabeleça como fato social único no universo esportivo, o jornalismo dessa área parte de um padrão de noticiabilidade (SILVA, 2018) enviesado, entendendo, aqui, que, como afirma Silva (2022, p. 22), “há que se considerar, ao mesmo tempo, a força da empresa/instituição e dos jornalistas no processo produtivo da notícia e as marcas culturais, ideológicas em que estamos todos inseridos”. Na verdade, conforme a autora (SILVA, 2022), são várias as razões que fazem com que algo seja visto como noticiável e seja, por fim, noticiado. No jornalismo

---

esportivo, é prioridade entre essas razões a relação do fato em questão com o universo específico do futebol. Situação esta que amplia a própria relevância social da modalidade esportiva, principalmente quando considera-se o jornalismo como um dos operadores sócio simbólicos na sociedade (SILVA, 2022).

Compreendido o futebol como elemento de relevância social partindo da perspectiva de que é, como avalia Guedes (2021, p. 1), “um dos significantes mais importantes no processo de construção da identidade nacional brasileira”, com contribuição midiática maciça, percebe-se ainda outro abismo traçado no âmbito interno do jornalismo esportivo. Trata-se do afastamento das minorias sociais dos postos profissionais e sociais relativos ao esporte e, principalmente, ao futebol. Prática, esta, em que há a invisibilidade de atores que, nesse cenário, se diferenciam de um estereótipo específico: homens, geralmente brancos, heteronormativos.

Um padrão que é apresentado como se fosse um espaço neutro (KILOMBA, 2019) para os debates temáticos do esporte. Para lá da linha de qualificação dos discursos do jornalismo esportivo (FERRO, 2022a) estão mulheres e pessoas que destoam de um padrão branco, binário e cisgênero. Há ausências significativas na representação social de indivíduos na cobertura da área citada. Lelo (2019, p. 7) considera que, em geral, “as culturas organizacionais no jornalismo são campos dominados por valores machistas” que desprivilegiam as mulheres na divisão de tarefas e as afastam de áreas como o esporte. Mas não só a elas.

Em observação flutuante, principalmente a partir de conteúdos televisivos e disponíveis na internet com imagem, é perceptível a predominância masculina, branca e heteronormativa na cobertura esportiva e especificamente de futebol – tanto nos veículos tradicionais quanto em novos produtos culturais, como as transmissões da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2022 pela CazéTV, no Brasil, por exemplo (FERRO, 2022b)<sup>4</sup>. Os postos ocupados por indivíduos que são considerados minorias sociais – negros, homossexuais, mulheres etc. (SODRÉ, 2005) – são poucos ou inexistentes. Nesse contexto, além da ausência de representatividade por si só, há dificuldade do exercício de um jornalismo esportivo que se atente para a alteridade

---

<sup>4</sup> Nas transmissões da Copa do Mundo de Futebol Feminino, entre julho e agosto de 2023, a CazéTV contou com mulheres repórteres, comentaristas e uma narradora, assim como para conteúdos de entretenimento. Inicialmente, sem quantidade significativa de profissionais negros e negras, o canal se reorganizou para ter também representatividade racial (LACOMBE, 2023). Ainda será necessário acompanhar as transmissões posteriores para identificar se essa representação social mais plural também estará presente em todas as coberturas, incluindo no futebol masculino, e se alcançará outros grupos minoritários.

---

(FREITAS; BENETTI, 2017) na produção informativa e analítica dos fatos e fenômenos da área.

Brum e Capraro (2015) indicam que a reflexão sobre equidade de gêneros, por exemplo, é incipiente no conteúdo sobre esporte em meios de comunicação. “Conforme relatado pelas entrevistadas, elas estão em processo de conquista de espaço nas editorias de esportes, convivendo com situações de preconceito tanto de suas fontes quanto dos colegas (por vezes, nem sequer identificam tais situações discriminatórias)” (BRUM; CAPRARO, 2015, p. 968-969). Mais recentemente, Bueno e Marques (2020) identificaram que a participação feminina no telejornalismo esportivo ainda hoje é baixa e não contempla todas as possibilidades de atuação, com mulheres se restringindo, em geral, à apresentação.

Além disso, as ausências de outros grupos minoritários também são perceptíveis. O narrador do canal Sportv, especializado na cobertura esportiva e disponível por assinatura, Júlio Oliveira fala em “mar branco” para se referir à ausência de negros na redação da emissora em que trabalha (NARRADOR JÚLIO, 2019). Criadora do programa *Bixa de Passe*, disponível em seu perfil no *YouTube*, a *drag queen* Susana Hernandez afirma que pensou o conteúdo a partir da ausência de espaço para o público LGBTQIA+ nas discussões sobre futebol (CICHON; CAMILLO, 2022).

Assim como há a produção de uma não-existência do jornalismo esportivo no âmbito do jornalismo, o modelo se reproduz internamente, com a não-existência de outras modalidades esportivas que não o futebol na cobertura esportiva e, o que está aqui em destaque, a não-existência de corpos que se diferenciam de homens, brancos, heteronormativos nas funções do jornalismo que tem o futebol, principalmente, como foco. A inexistência dessa diversidade (TORQUATO, 2021) e a não percepção do tamanho e dos atributos dessas ausências, consideradas a partir de uma lógica de classificação social, contribuem para que o jornalismo esportivo se estabeleça como resistência às conquistas das minorias sociais que exclui.

Dessa forma, é comum que os preconceitos ressonantes da estrutura social sejam reforçados no âmbito esportivo e em sua cobertura jornalística. Sem o contraditório para tensionar a elaboração dessas narrativas e sem a percepção da pluralidade de existências, normalmente nula naquele contexto, o jornalismo esportivo reproduz padrões normativos que suprimem as diferenças dos sujeitos. Padrões que reforçam,

---

como enumera Moraes (2022, p. 9) sobre o contexto geral da profissão, “a permanência do racismo e do classismo comuns nos veículos diários” e a “exotificação de populações indígenas e nordestinas, para ficar apenas em alguns exemplos”.

A banalização da cobertura esportiva também, e ainda, mantém o olhar de quem atua nessa área muitas vezes afastado de questões que são de interesse público e relevantes para a sociedade. Fortalece-se, assim, esse espaço como uma trincheira de manutenção de preconceitos e um lugar em que, pautado por ideias de paixão, conexão e identificação, eles se reforçam. Dessa forma, é comum que os preconceitos ressonantes da estrutura social sejam reforçados no âmbito esportivo e em sua cobertura jornalística, muitas vezes considerada apenas entretenimento. Cenário que dificulta a discussão sobre a responsabilidade dos jornalistas e comunicadores, em geral, com a informação, potencializando práticas socialmente excludentes e opressivas.

A banalização da notícia – e do jornalismo esportivo, por consequência – chegou a tal ponto que potencializou ao máximo um estereótipo que parecia ter sido superado há muito tempo: o da função social da mulher. A maioria das jornalistas que atua na cobertura esportiva, inclusive, reforça a ideia de que mulher foi feita para ser contemplada e admirada, sendo desprovida das capacidades intelectuais do homem. Cabe a ela, portanto, um lugar de destaque neste novo modelo que privilegia o entretenimento em detrimento da informação, que transforma a editoria de esportes quase em uma extensão do setor de variedades. (OSELAME, 2010, p. 65)

Por mais que nos últimos anos a presença de mulheres em diferentes funções tenha sido mais perceptível no jornalismo esportivo, como o aumento de narradoras em transmissões de futebol na televisão a partir do final da década de 2010 (FERRO, 2021), por exemplo, o jornalismo esportivo mantém-se em um processo do que Oselame (2010) nomeou por banalização. A autora questiona se esse processo não acarretaria a perda de “um espaço público de vigilância do poder” (OSELAME, 2010, p. 70), considerando que o Brasil receberia em anos seguintes megaeventos esportivos — a Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Passadas as grandes competições, o legado de obras que se tornaram elefantes brancos e promessas de intervenções para a melhoria da infraestrutura das cidades que não se realizaram foi pouco questionado.

As iniciativas de investigações jornalísticas são poucas, restritas a situações extremas e vistas como exceção, como a cobertura do caso de assédio de funcionária da

---

Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2021 (MOREIRA; FERNANDEZ, 2021), e muitas vezes não são desenvolvidas a longo prazo, assim como elaboradas para programas que não são específicos de jornalismo esportivo, em que assuntos desse porte têm menos espaço. Assim, também, pouco se abordou na imprensa nacional sobre as questões éticas de se ter o Catar como país sede do Mundial de Futebol Masculino de 2022. Escolhida em 2010, o comprometimento daquela nação em relação a infrações a direitos humanos de mulheres, pessoas LGBTQIA+ e trabalhadores imigrantes só se tornou pauta com a proximidade do evento, quando já se considerava a inevitabilidade da realização da Copa no local.

Contudo, a discussão sobre as questões éticas e o uso de eventos esportivos em cenários políticos e em contextos em que há casos de corrupção não é recente — presente, por exemplo, nas relações entre seleção brasileira de futebol masculino e ditadura militar em 1970 (MAGALHÃES, 2012) ou no histórico que culminou nas prisões de dirigentes da Federação Internacional de Futebol (Fifa), fato que ficou conhecido como *Fifagate*, em 2015 (ASFORA, 2021) —, mas muitas vezes não recebe a atenção do jornalismo esportivo em seu cotidiano. A ausência de pessoas que representam diferentes grupos sociais, de vozes de dissenso (SODRÉ, 2005), contribui para que esse jornalismo especializado tenha menos criticidade a respeito dos temas que aborda, o que leva, muitas vezes, ao reforço de estereótipos.

### **Considerações preliminares**

A partir desse esforço inicial de aproximação teórico-prática, é possível inferir que há necessidade de que a reflexão sobre jornalismo também alcance o fazer e o pensar o jornalismo esportivo. Sem olhar crítico e também uma perspectiva decolonial, esse espaço deixa de cumprir com funções sociais necessárias à sociedade em que está inserido. Nessa posição, entre o existir e o não-existir no âmbito jornalístico, o futebol é elemento por meio do qual “avaliamos e discutimos identidade e honra nacional, composição étnica do povo brasileiro, virilidade e masculinidade, força, fraqueza, coragem, covardia, solidariedade” (GUEDES, 2021, p. 2). Além disso, reforça a autora (GUEDES, 2021, p. 4), “utilizamos as vitórias e glórias tanto quanto as derrotas e dramas como material para o debate sobre “o que nós somos”.

---

Como ampliar o debate sobre o que somos a partir do esporte, do futebol, especificamente, se no “nós” não há pluralidade? De um lado, o visível, estão corpos e identidades aceitos, legitimados, autorizados a dizer. Do outro lado, estão os que ainda inexistem no contexto do jornalismo esportivo — mesmo que algumas presenças já sejam percebidas a partir da cobrança continuada por diversidade. Ainda sem possibilidade de “terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias” (SODRÉ, 2005, p. 1) estão mulheres e pessoas que destoam do padrão branco, binário e heteroafetivo.

Se em outros espaços as ausências dessas pessoas já encontram questionamentos mais enfáticos, na trincheira do jornalismo esportivo, os preconceitos se fortalecem, contribuindo para um contexto em que ainda há certa permissividade em relação a comportamentos misóginos, racistas e homofóbicos. Discursos contraproducentes crescem nos espaços invisíveis, como é o jornalismo esportivo para o jornalismo. Como afirma Lugones (2020), faz-se necessária a compreensão da organização do aspecto social para que as violências se tornem visíveis. E, a partir disso, que seja possível atuar nas fissuras a partir da práxis que existe apesar do sistema (WALSH, 2021).

## REFERÊNCIAS

ASFORA, Raphaella Viana Silva. **Webjornalismo esportivo e o combate à corrupção no futebol**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Jurídicas) - Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 194, 2021.

BARBEIRO, Heródoto. RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”? **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 959-971, out/dez 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/52730/36085>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 45, 2020. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/6240/2896](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6240/2896). Acesso em: 15 ago. 2023.

CICHON, Ana Claudia; CAMILLO, Livia. Criadora do "Bixa de Passe": gay sabe falar de futebol. **Terra**. São Paulo, 27 jun. 2022. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/nos/criadora-do-bixa-de-passe-gay-sabe-falar-de-futebol,ff34979e1fa7c6bc56bdd6a9a1b112e7b95tdhoa.html>. Acesso em: 17 dez. 2022.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 3. ed.. São Paulo: Contexto, 2008.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. CazéTV: inovação nas transmissões que também é retrocesso. **ObjEthos**. Florianópolis, 13 dez. 2022 (2022b). Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2022/12/13/cazetv-inovacao-nas-transmissoes-que-tambem-e-retrocesso/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico da Presença Feminina na Narração em Veículos de Rádio, Televisão e Internet. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44, 2021. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/raphaela-xavier-de-oliveira-ferro.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. O sujeito autorizado no jornalismo esportivo. In: Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, 4, 2022, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Museu do Futebol, 2022 (2022a). p. 1-16. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/776711/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alterity, Otherness and Journalism: From Phenomenology to Narration of Modes of Existence. **Brazilian journalism research**, v. 13, n. 2, p. 10–27, 2017. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/989>. Acesso em: 14 jul. 2023.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Insular, 2009.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Revista Esporte e Sociedade**, ano 6, n.16, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48365/28137>. Acesso em: 14 jul. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACOMBE, Milly. A Copa das mulheres altera definitivamente a transmissão dos homens. **UOL**. São Paulo, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2023/07/31/a-copa-das-mulheres-altera-definitivamente-a-transmissao-dos-homens.htm>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254225/40751>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. **Corpus et Scientia**, ano 7, vol. 7, n.2, p. 91-99, 2011. Disponível em: <https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/133/102>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LUGONES, María. Colonialidade de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MAGALHÃES, Lígia Gonçalves. Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. **Polhis**, Buenos Aires, v. 5, n. 9, p. 232-242, 2012. Disponível em: [https://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9\\_MAGALHAES.pdf](https://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9_MAGALHAES.pdf). Acesso em: 15 ago. 2023.

MALULY, Luciano Victor Barros. **Jornalismo esportivo: Princípios e técnicas** (ebook). São Paulo: Editora do autor, 2017.

MELLO, Matheus Simões. **Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local (2009-2018)**. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 346. 2020.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. 1. ed.. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MOREIRA, Gabriela; FERNANDEZ, Martín. Funcionária da CBF apresenta denúncia de assédio sexual e moral contra Rogério Caboclo. **Globoesporte.com**. Rio de Janeiro, 4 jun. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/funcionaria-da-cbf-apresenta-denuncia-de-assedio-sexual-contra-rogerio-caboclo.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2022.

NARRADOR JÚLIO Oliveira discute falta de negros no jornalismo esportivo. **UOL**. São Paulo, 12 nov. 2019. Disponível em:

---

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/11/12/narrador-julio-oliveira-discute-falta-de-negros-no-jornalismo-esportivo.htm>. Acesso em: 17 dez. 2022.

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão globo de jornalismo esportivo. **Sessões do Imaginário**, v. 15, n. 24, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/9026>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PIRES, Giovani de Lorenzi; LAZZAROTTI FILHO, Ari; LISBÔA, Mariana Mendonça. Educação Física, mídia e tecnologias - Incursões, pesquisa e perspectivas. **Kinesis**. Santa Maria, v. 30, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5723/3393>. Acesso em: 15 ago. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Silvan Menezes dos; MEZZARROBA, Cristiano; SOUZA, Doralice Lange de. Jornalismo esportivo e Infotainment: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. **Corpoconsciência**. Cuiabá, vol. 21, n. 02, p. 93-106, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5034>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SILVA, Gislene. A engrenagem da noticiabilidade no meio do redemoinho. **Revista Observatório**. Palmas, v. 4, p. 308-333, 2018.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Matrizes**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 197-212, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38248>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SILVA, Gislene. Introdução à cobertura jornalística e à noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha. **Apuração, redação e edição jornalística**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

---

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: releituras. 1. ed.. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

TORQUATO, Chalini. Minorias, lugar de fala e direito à comunicação na mídia: entre o ativismo pela cidadania e a mercadorização de pautas sociais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/104996>. Acesso em: 14 jul. 2023.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-ce/ana-carolina-vimieiro.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

WALSH, Catherine. Decolonial Praxis: Sowing existence-life in times of dehumanities. In: **International Academy of Practical Theology - Conference Series**. Tuebingen, v. 2, p. 3-12, 2021. Disponível em: <https://vulgata-dialog.ch/ojs/index.php/iaptcs/article/view/189>. Acesso em: 14 jul. 2023.